"TIFANNY ABREU IS STILL ONE OF THE GUYS" - UMA DISCUSSÃO SOBRE TRANSGENERIDADE NO ESPAÇO DO VOLEIBOL[1]

Leandro Teofilo de Brito
Vanessa Silva Pontes

RESUMO

Analisamos como a mídia apresentou o caso da atleta brasileira transgênero Tifanny Abreu, que atua em uma equipe masculina de vôlei holandesa, enquanto passa pela terapia de hormonização. Utilizamos a Análise de Conteúdo para sistematizar os dados. Apontamos que as desconstruções de gênero no esporte são um meio de inclusão e de reconhecer as diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Voleibol; Transgeneridade; Mídia.

INTRODUÇÃO

O Esporte como um campo, ainda, bastante normatizador no que diz respeito ao gênero, permanece, muitas vezes, pautado nas hierarquias homem/mulher para justificar, a partir dos argumentos de cunho biologizante, tais dicotomias. De todo modo, ainda que de forma lenta, mudanças começam a ser vislumbradas no âmbito das práticas corporais e esportivas, desconstruindo os modelos naturalizados que dicotomizam e colocam em oposição corpos masculinos e femininos, ou seja, corpos generificados. Butler (2014) afirma que o gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas também pode ser o aparato de desconstrução e desnaturalização das hierarquizações e dos binarismos impostos pelas regulações sociais.

Trazemos para discussão neste texto, o caso da atleta brasileira do time de voleibol *US Heren 1*, de Amsterdã, Tifanny Abreu, que até o primeiro semestre de 2014 se autodenominava como Rodrigo Pará. Permanecendo como jogadora do time masculino, Tifanny, na temporada de 2014, assumiu nova identidade de gênero (de masculina para feminina) e teve o apoio do clube para permanecer jogando voleibol profissional, enquanto passa por todo o processo de terapia de hormonização. Tifanny Abreu tem 29 anos e, ao sair do Brasil, como Rodrigo Pará, atuou pelas ligas da Espanha, Portugal, Indonésia, França e Bélgica, até chegar à liga holandesa de voleibol (ASBROEK, 2014, tradução livre).

[1] O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

A atleta, estando fora dos padrões normativos do gênero e da sexualidade, parece não se enquadrar nos moldes dominantes da mídia brasileira. Não há nenhuma menção ou reportagem sobre a atleta na imprensa nacional, o que nos remete ao entendimento de invisibilização do fato aqui no Brasil. Neste contexto, objetivamos analisar como alguns artefatos da mídia internacional apresentaram em suas reportagens o caso de uma atleta brasileira transgênero, que atua em uma equipe masculina de voleibol no Campeonato Nacional da Holanda. Para sistematização dos dados referentes às reportagens selecionadas, nos pautamos na técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Também discutiremos como questões relacionadas ao gênero e à sexualidade permeiam o espaço do voleibol brasileiro, já há algum tempo.

A noção de gênero, que referencia este trabalho, tem como base o que Butler (2010) denominou como gênero performativo. A repetição estilizada de atos, gestos, atuações e movimentos corporais, permeados pelo poder dos discursos reguladores, nos produzem como masculinos/as e femininos/as de forma "naturalizada", de acordo com a autora. Essa produção ocorre na superfície dos corpos, com objetivo de essencializar as identidades, entretanto acabam também por expressar fabricações manufaturadas, sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (idem).

Os deslocamentos na noção de gênero performativo podem ser discutidos com base no *quase conceito* [2] que Judith Butler se apropria do também Filósofo Jacques Derrida, a *iterabilidade* [3], que é a possibilidade do signo ser repetido e alterado, mesmo na ausência de seu referente (DERRIDA, 1991), abarcando mudanças e deslocamentos nos sentidos atribuídos. Considerando a *iterabilidade* na noção de performatividade, Butler (2009, tradução nossa) afirma que as normas passam a não agir de maneira determinísticas, impedindo qualquer tipo de controle, sejam nas normatizações, sejam nos deslocamentos, durante o processo de repetição. De acordo com Salih (2012), "[...] Butler considera que

[2] Derrida (2001) enuncia os termos *quase conceito* e/ou *indecidível* com o objetivo de mostrar a impossibilidade do pensamento se organizar a partir de conceitos fixos, homogêneos e universais, desconstruindo assim parte da lógica do pensamento metafísico – pensamento binário, polarizado e hierarquizado.

[3] A *iterabilidade* é um *quase conceito* que liga a repetição a possibilidades de alteridade e mudanças (DERRIDA, 1991).

ISSN 2175-5930

Derrida 'proporciona uma forma de pensar a performatividade em relação à transformação, à ruptura com contextos anteriores e à possibilidade de inaugurar contextos ainda por vir'"(p.158).

Discutiremos, na sequência, como as questões de gênero e sexualidade se fazem presentes no contexto do voleibol brasileiro, logo após apresentaremos breve explanação sobre a metodologia de pesquisa utilizada e, em seguida, as análises sobre os artefatos culturais da mídia, que se dedicaram a reportagens sobre o caso da atleta brasileira Tiffany Abreu. Por fim, faremos nossas considerações finais e apresentaremos as referências utilizadas.

O VOLEIBOL E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: UM (VELHO) DEBATE QUE PERMEIA O ESPORTE

As questões de gênero e sexualidade adentram o espaço do voleibol, em especial o brasileiro, já há algum tempo. Citaremos algumas pesquisas que se debruçaram no tema, notícias que ganharam notoriedade na mídia sobre competições LGBTIs[4] específicas para o voleibol, e até mesmo de atletas, homens e mulheres, "saindo do armário"[5].

Coelho (2009), apresentando dados de diferentes fontes de pesquisas, afirma que o voleibol é um esporte considerado híbrido no Brasil. Para a autora, a trajetória do vôlei no nosso país aponta para predominância de um imaginário feminino nessa prática, seja pelo número elevado de mulheres que historicamente praticam a modalidade, seja pelo maior engajamento delas nas torcidas. Ela ainda explicita que, apesar de ser um esporte originalmente masculino, o voleibol foi "invadido" pelo universo feminino, o que justificaria sua hibridização, bem como o fato de ter sido o primeiro esporte olímpico coletivo a possibilitar a participação de homens e mulheres.

Outro ponto colocado por Coelho (2009) diz respeito à comparação do futebol com o voleibol. O futebol, de acordo com a pesquisadora, se apresenta como um espaço construído

[4] Sigla que representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais.

[5] Sedgwick (2007) entende o "armário" como uma epistemologia que se constitui em um regime de regulação e controle da sexualidade, perpassando o público e privado, que eram e são criticamente problemáticos para as instâncias econômicas, sexuais e de gênero da cultura heterossexista que se pauta na nossa sociedade desde o século XX.

ISSN 2175-5930

como "viril", palco de masculinidades consideradas "normativas", excluindo assim todos e todas que não se encaixam nesse padrão, como as mulheres e os homossexuais. Neste contexto, o voleibol acaba sendo um local para novas sociabilidades esportivas, um espaço mais aberto para praticar e torcer. Conforme coloca a autora: "É nesse cenário que o vôlei acaba se constituindo em um espaço de sociabilidade feminina e homoerótica" (p.91).

As pesquisas de Pacheco (2010) e Pacheco, Lopes & Posteraro (2012), tiveram como objeto de análise atletas profissionais de voleibol, de clubes localizados em Minas Gerais, e seus discursos sobre a construção de masculinidades, dentro e fora das quadras. Dentre alguns dados da pesquisa, os atletas entrevistados associavam a palavra masculinidade a preceitos da corporeidade, como a construção de um corpo que suporta dores e fadigas, assim como as masculinidades ligadas a questões éticas, tais como: não ser falso, não fazer intrigas, honestidade, companheirismo, disciplina, coletividade, dentre outros (PACHECO, 2010).

A questão da sexualidade não teve grande impacto nas respostas dos atletas investigados, estando mais associada à justificativa pela escolha do esporte, relacionando atributos tidos como "masculinos" nas habilidades decorrentes do jogo:

> É curioso perceber que a potência sexual passa ao largo do entendimento da masculinidade enquanto percepção na descrição do que é ser homem. No entanto, ela aparece na justificativa da escolha pelo esporte. O vôlei é esporte para homem porque é um esporte envolto pela potência: potência do ataque, do saque. Além disso, é um esporte onde não é possível se esconder, se omitir. É o homem com a visibilidade do público que supera a dificuldade da prática, a força do ataque adversário, as dores do corpo e a violência da bola (PACHECO, LOPES & POSTERATO, 2012, p. 15).

Torneios de voleibol voltados para o público gay masculino têm crescido nos últimos anos, como a Liga Amazonense Gay (chamada anteriormente de Superliga Gay), que teve a sua 23ª edição em 2014 (ALBUQUERQUE, 2014), e o Grand Prix LGBT, em sua 4ª edição, também em 2014 (SERRÃO, 2014). Estes eventos tem se concentrado na região Norte do Brasil e recebem times de todo território nacional, denotando como o voleibol brasileiro tem sido um espaço aberto a praticantes gays. Não estranhamos, também, o fato de que estes torneios concentram apenas times masculinos e elencamos algumas justificativas para tal premissa: segregação e exclusão de homossexuais no meio esportivo e uma "naturalização" da participação de atletas lésbicas no esporte, de uma maneira geral.

Camargo (2012), em tese de doutorado que investigou competições esportivas LGBTs, apontou que a maioria dos/das participantes dos *Gay Games* são homens, nunca sendo

ISSN 2175-5930

ultrapassados no quantitativo pelas mulheres na história dos jogos (apenas empatando com as mesmas nas estatísticas em duas edições). No *World Out Games*[6], em 2009, competição também investigada na pesquisa, a maioria dos homens participantes afirmaram que praticavam esportes em associações específicas LGBTs (74,2%), superando o quantitativo de mulheres (59,6%), que apresentavam números próximos daquelas que atuavam em locais não específicos para o referido público (40,4%). De acordo com o autor: "Tais resultados referentes ao grupo dos 'homens gays' podem mostrar que a homossocialização seja mais importante para 'eles' do que para 'elas'" (p.209). Embora os contextos das pesquisas sejam distintos, nossas premissas sobre a existência de torneios de voleibol específicos para gays, podem, em parte, também estar associadas a estes pontos.

Dando continuidade à discussão, o voleibol brasileiro coleciona alguns casos de atletas profissionais que se assumiram como gays e lésbicas, abrindo um espaço, ainda restrito, entre os/as esportistas brasileiros/as que optam em falar publicamente sobre sua orientação sexual. O primeiro caso de um atleta do voleibol a se assumir como homossexual foi em 1995, o jogador Lilico, que defendia o extinto clube Banespa - SP. Lilico criou polêmica no meio do voleibol, pois afirmou diversas vezes em entrevistas que não era convocado para seleção principal – embora tenha participado de seleções de base – por ser gay. O atleta faleceu ainda jovem, aos 30 anos, em 2007, por complicações causadas por um AVC - acidente vascular cerebral (MARTINS, 2011).

No decorrer da temporada 2010/2011, mais especificamente no primeiro jogo do playoff semifinal entre os times do Sada/Cruzeiro e do extinto Vôlei Futuro, a Superliga Masculina de Vôlei também foi palco de um caso de homofobia que envolveu o atleta Michael, jogador do Vôlei Futuro, e a torcida do Sada/Cruzeiro. Michael, durante o jogo, foi hostilizado pela torcida do time adversário, que atuava em casa, na cidade de Contagem/MG, com os xingamentos de "bicha" e "viado". Logo após o episódio, Michael, com o apoio dos companheiros e da equipe, assumiu-se publicamente como gay, com o objetivo de que o episódio não fosse ignorado (ORSINI, 2012). Hoje, Michael, é o único jogador de voleibol

[6] Em levantamento no *World Out Games* de 2009, Camargo (2012) também constatou o voleibol como o terceiro esporte com número maior de atletas inscritos, ocorrendo inclusive um número grande de transgêneros, advindos principalmente da Tailândia.

ISSN 2175-5930

masculino, atuante no Brasil - atleta do clube Brasil Kirin – e assumido de forma pública como gay.

Entre as mulheres vieram à tona dois casos no meio do voleibol brasileiro, mais especificamente no vôlei de praia: as jogadoras Larissa e Lili, que trocaram alianças em 2013, virando notícia nos principais veículos de imprensa; e o casamento de Jackie Silva, ex-jogadora de vôlei de praia e campeã olímpica nos jogos de Atlanta em 1996, com a bailarina Amália Lima (BURIGATO, 2014). Jackie não se posicionou na mídia sobre o fato, mas Larissa, que esteve afastada das areias em 2013, período em que casou, ao voltar a jogar em 2014 comentou o fato de forma natural, inclusive citando a sua tentativa de gravidez por inseminação artificial, neste período em que ficou fora das areias (VECCHIOLI, 2014).

Miskolci (2009) afirma que o "armário" vem ao encontro da "invenção" da sexualidade como um segredo, levando-se em conta os contextos culturais e históricos, existindo justamente para as pessoas que nutrem desejos pelo mesmo sexo, esconderem-se. Desta forma, para o pesquisador, "sair do armário" pode significar a expulsão de casa, a perda de um emprego e, em casos extremos, até a morte. No caso do esporte, especificamente, assumir-se como gay ou lésbica ainda é um estigma aqui no Brasil. Muitos/as atletas ainda temem possíveis retaliações de fãs e torcedores/as, assim como de possíveis danos às suas carreiras, como a perda de um patrocínio esportivo, por exemplo. Todavia assumir-se também pode ter um sentido ressignificado mais amplo, pois abre possibilidades de discussões sobre o tema e de desmistificação da não existência de diferentes orientações sexuais no meio esportivo.

A partir deste quadro apresentado, refletimos como o voleibol brasileiro aparece como o principal esporte que tem trazido à tona discussões relacionadas ao gênero e à sexualidade. O caso da atleta brasileira Tifanny Abreu, neste contexto, se mostra ainda mais emblemático, pois desconstrói os modelos que normatizam corpos masculinos e femininos no meio do esporte, assumindo assim novas performatizações de gênero que escapam das normas instituídas pelos discursos generificados.

METODOLOGIA

Utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), para sistematizar os dados obtidos nas reportagens sobre a atleta Tiffany Abreu. Analisamos três artefatos

ISSN 2175-5930

midiáticos, publicadas no Jornal holandês *Het Parool*[7] (ASBROEK, 2014) e nos sites *Volleyball Krant* (HAHN, 2014) e *Volleywood* (IZAU, 2014), o primeiro dedicado especificamente a noticias sobre voleibol na Holanda e o segundo, advindo da Polônia, especializado em notícias sobre voleibol pelo mundo. Reafirmamos a invisibilidade da questão pela mídia brasileira, pois localizamos apenas estes três artefatos, todos de fontes estrangeiras. As reportagens são todas datadas do ano de 2014, quando a atleta passou a identificar-se como Tiffany Abreu no clube holandês.

Segundo Bardin (2011) a análise de conteúdo organiza-se em três polos cronológicos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Dentre as técnicas utilizadas, a autora afirma que a categorização é considerada a mais antiga e mais utilizada. Significa uma operação de classificação de elementos pertencentes a um determinado conjunto pela sua diferenciação, e logo após, reagrupamento ao efetuar uma analogia entre eles, representando uma passagem dos dados de seu estado bruto para informações ordenadas e organizadas. Pode ser feita através de desmembramento do texto em unidades, sendo a investigação de temas ou análise temática a mais rápida e eficaz.

Utilizamos categorias pós-definidas, que emergiram pela leitura dos artefatos midiáticos, pautando-nos na chamada categoria temática, classificada dentro da categorização semântica (BARDIN, 2011). Agrupamos a discussão por temas que se repetiram nas reportagens e apresentaremos, a partir dos próximos subtítulos, as discussões com base nos estudos de gênero e sexualidade.

“SAIR DO ARMÁRIO” NAS EQUIPES DE VOLEIBOL

Tifanny, em duas das três reportagens selecionadas, fala sobre o processo de assumir-se como homossexual nas equipes em que atuou, quando ainda se autodeclarava Rodrigo Pará. Trazemos, abaixo, dois fragmentos que apresentaram esta questão:

> Seus dias como "Rodrigo" representaram um capítulo solitário de sua vida. Ela, ao jogar em uma equipe masculina, nunca se sentiu realmente confortável para abrir sua sexualidade aos seus companheiros de equipe.

[7] Agradecemos o auxílio de João Carlos Pijnappel, tradutor juramentado de neerlandês, na tradução, em especial, da reportagem do Jornal holandês *Het Parool*.

ISSN 2175-5930

> Houve momentos em que se sentia sozinha e precisava de um lugar onde iria se sentir mais bem-vinda (IZAU, 2014, tradução nossa).

> Durante sua carreira no vôlei a identidade homossexual do Rodrigo foi aceita pelos clubes, desde que ele não a exibisse. Uma vida pessoal paralela ao esporte, o que lhe permitiria desenvolver uma relação ou frequentar festas até de madrugada, não era possível. Nos dezoito anos em que jogou em alto nível por todo o mundo, contudo, a solidão foi sempre a norma [...] (ASBROEK, 2014, tradução livre).

Anderson (2005, tradução nossa), em pesquisa que investigou atletas de escolas secundárias e de universidades norte-americanas que optaram pelo "coming out"[8], afirma que o principal medo dos mesmos reside em perder posições conquistadas, bolsas de estudo, assim como amigos e o apoio dos companheiros e do técnico das equipes. Ao analisarmos a reportagem de Izau (2014), Tifanny, ainda como Rodrigo, possivelmente também apresentava esse medo da rejeição nas equipes em que atuou, não se sentindo à vontade para expor sua identidade sexual.

No fragmento apresentado por Asbroek (2014, tradução livre), pelo jornal *Het Parool*, destacamos o trecho que assevera que ela poderia assumir sua condição sexual, desde que não exibisse isso a público, ou seja, de forma "velada". A atleta, ainda com identidade de gênero masculina, estava diante, talvez, de uma possível homofobia dentro das equipes em que atuou. Recorremos novamente a Anderson (2005, tradução nossa), para discutir esta questão: segundo o autor, a homofobia nos esportes está institucionalizada, pautada num modelo de masculinidade "rígida", que tem como base a misoginia e o patriarcado (já que ainda há também exclusão das mulheres). A associação da homossexualidade masculina nos esportes vem ao encontro do entendimento de sujeitos fracos, fisicamente e emocionalmente (idem).

Neste contexto, parecia ser exigido de Tifanny, ainda na identificação como Rodrigo, uma performatização de masculinidade pautada na repetição de um modelo normativo, que enaltecia a heterossexualidade compulsória como pano de fundo de sua vida, dentro e fora das quadras. A encenação da imagem de um atleta heterossexual parecia ser indispensável nas equipes em que atuou. Para Butler (2014) as punições sociais daqueles e daquelas que não seguem as normas de gênero incluem, dentre outros exemplos, o assédio no trabalho, como as

[8] "Coming out" é uma expressão que em português significa "sair do armário", já apresentada e discutida ao longo deste texto.

ISSN 2175-5930

discriminações trabalhistas, regulando a produção e manutenção das normas em direção à heterossexualidade. Tifanny, possivelmente, esteve diante de tal fato pelos relatos.

PROCESSO DE MUDANÇA DE GÊNERO

A discussão sobre o processo de mudança de identidade de gênero da atleta é abordado em todos os artefatos midiáticos que analisamos. Symons & Hemphill (2006, tradução nossa) afirmam que a maior dificuldade que mulheres transgêneros enfrentam no esporte é diferença fisiológica atribuída aos níveis de testosterona, influenciando a massa muscular e a força, que começam a ser adquiridas ainda na fase da adolescência. Além disso, colocam que o esporte moderno foi, e ainda é, um local construído e institucionalizado para a promoção de uma masculinidade que reforça a superioridade dos homens sobre as mulheres nas sociedades ocidentais, uma desigualdade social pautada em uma naturalização biológica quase que imutável, o que dificulta ainda mais o processo (idem).

Três fragmentos retirados de cada artefato midiático analisado discutem este ponto:

> Em primeiro lugar, as autoridades devem reconhecer o sexo mudado e incluir oficialmente a identidade. Além disso, todas as operações cirúrgicas anatómicas têm de ser completadas. Em terceiro lugar, a terapia hormonal para o sexo deve ocorrer por um período de tempo suficiente para minimizar vantagens relacionadas com o género nas competições desportivas (HAHN, 2014, tradução nossa).

> Tiffany foi informada pela Organização Holandesa de Voleibol (NEVOBO) que a única maneira para ela para jogar em uma equipe feminina é que deve ser submetida a uma mudança de sexo (SRS: cirurgia de transgenitalização). O clube onde joga atualmente fala muito bem dela. O técnico George diz que não se importa com quem ou o que seus jogadores são. O que ele valoriza é a dedicação e o compromisso que seus jogadores têm de ajudar a equipe a ter sucesso. “Tiffany possui essas características e eu e seus companheiros de equipe apreciamos profundamente o amor que ela tem para o esporte” (IZAU, 2014, tradução nossa).

> A liga de vôlei lhe informou que, enquanto ainda não tiver se submetido a uma operação de mudança de sexo, ela pode normalmente jogar no primeiro time masculino do US. Seus cabelos são presos com uma fita. Durante uma partida importante, Tiffany usa grampos nos cabelos e joga maquiada. Ela ainda não sabe se, no devido tempo, irá jogar no time de vôlei feminino. Isso vai depender de como seu corpo vai reagir aos suplementos de hormônios. (ASBROEK, 2014, tradução livre).

ISSN 2175-5930

De acordo com as regras instituídas de inclusão de pessoas transgêneros no esporte, leva-se em consideração a troca de documentação (reconhecimento legal), cirurgia de transgenitalização e a terapia hormonal, de pelo menos dois anos. No caso de Tifanny, a terapia hormonal visa a diminuição da produção de testosterona e o aumento do estrogênio. Se o processo de mudança ocorrer antes da puberdade, não há necessidade de cumprimento destas regras. Estas normas estão no site do Comitê Olímpico Internacional [9] e foram instituídas para os Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, sendo seguidas, conforme afirmações apresentadas por Hahn (2014) e Izau (2014), pela Federação Holandesa de Voleibol para a situação de Tifanny. As justificativas de ordem biológica ainda imperam no reconhecimento de pessoas transgêneros no esporte, e, desta forma, Grespan & Goellner (2014) apontam o discurso biomédico como diferenciador e hierarquizador do normal e do patológico, normalizando indivíduos, principalmente no esporte.

Pelo excerto retirado do jornal *Het Parool*, que apresentaremos abaixo, Tifanny parece ainda não ter começado, ou estar no início do processo de hormonização que, como discutimos, busca adequar os níveis de testosterona e estrogênio. Entretanto, chama-nos atenção outra questão, que diz respeito ao uso do vestiário durante os treinos e jogos:

> Tifanny ainda não está usando esses suplementos. “Estou feliz por poder continuar a jogar vôlei de alto nível durante a minha transformação. O fato de eu ter de esperar para usar o chuveiro até que todo mundo tenha terminado não é nenhum problema” (ASBROEK, 2014, tradução livre).

Algumas considerações podem ser feitas sobre a questão do uso do vestiário pela atleta transgênero. Estaria Tifanny apenas tomando para si reivindicações de uma identificação feminina, logo não se achando mais no direito de uso compartilhado do vestiário da equipe? Ou estaria Tifanny temendo alguma possível represália de membros da equipe sobre sua permanência no vestiário junto a sujeitos masculinos (e, possivelmente, heterossexuais)?

De acordo com Camargo (2014), a separação de banheiros por sexo remonta o conceito de isolamento público-privado entre o ser “mulher” e o ser “homem”. Desta forma:

[9] Site do Comitê Olímpico Internacional: disponível em: <www.olympic.org>. Acesso em 22/02/2014.

ISSN 2175-5930

"[...] banheiros femininos funcionam como santuário privado de feminilidade, os masculinos seriam extensão da natureza pública da masculinidade (hegemônica)" (p.63).

O autor aponta a arena esportiva como uma das maiores instituições segregadoras de gênero nas sociedades complexo-moderno contemporâneas, e, em decorrência disso, a intolerância, tendo como base os discursos homofóbicos, fazem-se presentes de maneira naturalizada na manutenção de um status sexista (ibidem). Mesmo que Tifanny afirme não haver problemas em aguardar os companheiros de equipe saírem do vestiário para usá-lo, questões mais amplas estão em jogo neste contexto, como a exclusão dos gêneros não binários construída pela divisão de banheiros e vestiários em "feminino" e "masculino", o que faz com que a jogadora seja a mais prejudicada na situação exposta, a nosso ver.

REAÇÕES NEGATIVAS DOS ADVERSÁRIOS

As transformações vividas por Tifanny, no processo de mudança de identidade de gênero, consequentemente, trazem reflexos em sua equipe nos campeonatos disputados. Ao mesmo tempo em que é apoiada pelos companheiros de time, Tifanny sabe que pode ser alvo de provocações dos times e de torcidas adversárias. Destacamos dois fragmentos abaixo sobre a questão:

> Tiffany é completamente consciente de que ela pode jogar contra ou estar em um ambiente que não aceitará o que ela se tornou. Seus companheiros de equipe já a avisaram desse possível cenário e ela está pronta para enfrentar qualquer adversidade ou ódio vindo em sua direção. As reações negativas sempre serão parte de sua jornada, mas ela não tem tempo para pensar nisso. Ela está empenhada em desempenhar o seu melhor, não importa o quê (IZAU, 2014, tradução nossa).

> O colega de time Lennart Huijbers diz: "Na quadra a Tiffany é simplesmente um dos nossos. Nas partidas jogadas no exterior às vezes algum espectador se manifesta. Claro que nesses casos a barreira da língua faz diferença". E George completa: "Às vezes eu aviso a Tiffany: alguns clubes têm um público de mente menos aberta do que outros. E ela costuma responder: "Deixa eles falarem. Eu não entendo mesmo" (ASBROEK, 2014, tradução livre).

Os discursos performativos também se fazem presentes no esporte e se sustentam, neste caso, nas regulações do gênero e da sexualidade em relação às encenações dos/das atletas. Tifanny, ao desafiar as normatizações impostas, apresentando uma identidade de

ISSN 2175-5930

gênero feminina e atuando como atleta em um time masculino, encena uma performatização que transgride e perturba os modelos essencialistas e inteligíveis que governam as práticas corporais. Entretanto, a atleta fica suscetível a possíveis discursos de ódio no contexto dos campeonatos em que disputa. O esporte, como outras práticas sociais, mostra-se como um local de disputa de saberes e poderes que definem e delimitam padrões de normalidade sobre corpos, sexualidade e o gênero (GRESPAN & GOELLNER, 2014).

DISCURSOS NORMATIVOS E DESLIZANTES DENTRO DA EQUIPE

A reportagem do jornal *Het Parool* trouxe em seu conteúdo falas do treinador e de um companheiro da equipe de Tifanny. Podemos perceber que os discursos em relação à presença da jogadora transgênero na equipe de voleibol se mostram deslizantes, sobre alguns pontos, e normatizadores, em outros:

> "Desde que todo mundo no meu time se esforce cem por cento, pouco importa o que eles sejam lá fora. **Só não quero nenhuma frescura na quadra que não tenha nada a ver com o jogo**. Se meus jogadores se sentem bem e dão o melhor de si na quadra, isso para mim é mais que suficiente. Claro que também ajuda o fato de que na temporada anterior o Rodrigo foi a estrela do nosso time e que na próxima temporada a Tifanny irá desempenhar o mesmo papel. O nomezinho pode ter mudado, mas a dedicação e o fanatismo são os mesmos." (ASBROEK, 2014, tradução livre, grifo nosso).
>
> O colega de time Robbert Van Leeuwen concorda: "Dentro daquela quadra de nove por nove metros a única coisa que importa em nosso nível de jogo é ganhar. Tifanny é uma fanática de carteirinha. A vontade de ganhar é muito grande, em todos os jogadores. E agora eu também posso brincar e dizer: **"Você está batendo na bola como uma mulher, que foi que houve, teve um dia ruim?** E então você pode contar que a bola seguinte vai bater no chão com mais força ainda" (ASBROEK, 2014, tradução livre, grifo nosso).

O primeiro discurso apresentado é do treinador de Tifanny, que embora afirme, de um modo geral, que a mudança de identidade de gênero pra ele pouco importa na equipe, retrocede na fala segregadora que afirma não permitir "frescura" dentro de seu time, associando, talvez, o termo, pejorativamente à atleta. Performativamente, sua fala repete os discursos reguladores, mas também, em parte, os desestabiliza ao afirmar que acredita que a jogadora permanecerá como a estrela do time na próxima temporada. Como afirma Derrida

ISSN 2175-5930

(1991): "O performativo é uma comunicação que não se limita essencialmente a transportar um conteúdo semântico como um aspecto da verdade [...]" (p.27).

A fala do companheiro de time, Robbert, também se direciona pelo mesmo viés, exalta Tifanny como mais uma, entre os atletas da equipe, mas profere uma frase de cunho sexista ao dizer que a jogadora, em momentos ruins nos treinos e jogos, bate na bola como uma "mulher". Para além da reafirmação da depreciação do feminino no palco de construção da masculinidade que é o esporte, verificamos nos escritos de Anderson (2005, tradução nossa) que há uma associação da homossexualidade com a feminilidade, o que faz com que jovens atletas sempre atentem à vigilância de aderir comportamentos sempre opostos ao feminino, a fim de evitar acusações a uma suposta homossexualidade. Como afirma o autor: "[...] os discursos homofóbicos e misóginos são usados para policiar comportamentos masculinos" (p.29, tradução nossa). Sentidos múltiplos e diversos, com avanços e retrocessos, são construídos performativamente a partir da presença de uma atleta transgênero em uma equipe masculina, como pudemos constatar nas discussões apresentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atleta de voleibol Tifanny Abreu se mostra como um dos casos mais notórios no esporte, quando evidenciamos as desconstruções dos binarismos de corpos, gêneros e sexualidades num campo em que as hierarquizações homem/mulher e masculino/feminino mostram-se performadas a partir de regulações e normatizações. Nesta direção, o espaço do voleibol tem se mostrado aberto às discussões sobre gênero e sexualidade, apresentando assim um protagonismo maior frente outros esportes, o que nos remete a uma ressignificação dos sentidos atribuídos, desestabilizando as dicotomias tidas como naturais.

Outra questão a ser evidenciada diz respeito a este processo de mudança que a jogadora vivencia, como as transformações corporais pelo uso de hormônios, que ao mesmo tempo em que a aprisiona dentro de um contexto do qual busca se libertar (atuando ainda em uma equipe masculina), propicia uma discussão mais ampla, que nos remete à inclusão e ao reconhecimento das diferenças no esporte. Entretanto, não podemos esquecer que esta inclusão ocorreu em uma equipe de voleibol estrangeira, e, talvez aqui no Brasil, Tifanny não teria as mesmas possibilidades de reconhecimento.

ISSN 2175-5930

"*TIFFANY IS STILL ONE OF ABREU THE GUYS*" - A DISCUSSION ON TRANSGENDER PEOPLE IN THE SPACE OF VOLLEYBALL

ABSTRACT

We analyze how the media presented the case of Brazilian transgender athlete Tifanny Abreu that operates in a Dutch volleyball men's team, while passing through hormone therapy. We use content analysis to systematize the data. We point out that the deconstruction of gender in sports is a means of inclusion and to recognize the differences.

KEY-WORDS: *Volleyball; Transgender People; Media.*

"TIFANNY ABREU IS STILL ONE OF THE GUYS" - UNA DISCUSIÓN SOBRE LA TRANSGENERALIDAD EN EL CONTEXTO DEL VOLEIBOL

RESUMEN

Analizamos como los medios de comunicación presentaron el caso de la atleta brasileña transgénero Tifanny Abreu, que juega en un equipo masculino de voleibol holandés, mientras se realiza la terapia de hormonas. Utilizamos el Análisis de Contenido para sistematizar los datos. Descubrimos que las desconstrucciones de género en el deporte son un medio de inclusión y reconocimiento de las diferencias.

PALABRAS-CLAVE: *Voleibol; Transgeneralidad; Medios de comunicación.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. Abertura da 23ª edição da Liga Gay Amazonense será neste sábado. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/am/noticia/2014/09/abertura-da-23-edicao-da-liga-gay-amazonense-sera-neste-sabado.html>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2014.

ANDERSON, E. In the game: gay athletes and the cult of masculinity. New York: State University of New York, 2005.

ASBROEK, M. T. Tifanny is thuis. Disponível em:<https://blendle.nl/i/het-parool/tifanny-is-thuis/bnl-par-20140618-3313674>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2014.

BADIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BURIGATO, T. Campeã olímpica Jacqueline Silva celebra união com a bailarina Amália Lima. Disponível em:<http://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/campea-olimpica-jacqueline-silva-celebra-uniao-com-a-bailarina-amalia-lima-17524/>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2014.

BUTLER, J. Frames of War: When is life grievable? Londres: Verso, 2009.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, J. Regulações de Gênero. Cadernos pagu, v. 42, p. 249-274, 2014.

CAMARGO, W. X. de. Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012, 380 p.

CAMARGO, W. X. de. Notas Etnográficas sobre Vestiários e a Erotização de Espaços Esportivos. Revista Ártemis, v. 17, p. 61-75, 2014.

COELHO, J. A. G. Voleibol: um espaço hibrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo (orgs.). Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, p. 75 – 93.

DERRIDA, J. Limited inc. Campinas, SP: Papirus, 1991.

DERRIDA, J. Posições. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GRESPAN, C. L.; GOELLNER, S. V. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. Movimento (UFRGS. Impresso), v. 20, p. 1265-1282, 2014.

HAHN, G. Advies Transgender in het volleyball. Disponível em: < http://www.volleybalkrant.nl/nieuwsbericht/6315/advies-transgenders-in-het-volleybal>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2015.

IOC approves consensus with regard to athletes who have changed sex. Disponível em:< http://www.olympic.org/content/news/media-resources/manual-news/1999-2009/2004/05/18/ioc-approves-consensus-with-regard-to-athletes-who-have-changed-sex/>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2015.

IZAU, M. Tiffany Abreu Is Still One Of The Guys. Disponível em: < http://www.volleywood.net/volleyball-features/home-family/tiffany-abreu-is-still-one-of-the-guys/>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2015.

MARTINS, A. Homossexualidade ainda é tabu no esporte. Disponível em: < http://esporte.ig.com.br/volei/homossexualidade+ainda+e+tabu+no+esporte+relembre+casos/n1300027906830.html>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2014.

MISKOLCI, R. O Armário Ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Gênero, v. 9, p. 171-190, 2009.

ORSINI, B. Toda maneira de amor vale a pena. Rio de Janeiro: Editora Sextante. 2012.

PACHECO, L.T.; POSTERARO, T. ; BARRETO, G. . Explorando o Bloqueio: masculinidade e voleibol em Minas Gerais. 28ª Reunião brasileira de antropologia: Desafios antropológicos contemporâneos, 2012, São Paulo. Anais...

PACHECO, L. T. Dentro do Caldeirão acompanhando o pequi atômico: masculinidade e voleibol em Montes Claros-MG. In: 27ª Reunião brasileira de Antropologia. Brasil Plural: conhecimentos, saberes tradicionais e direitos à diversidade, 2010, Belém, Pará, 2010. Anais...

SALIH, S. Judith Butler e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.

SEDGWICK, E. K. Epistemologia do armário. Cadernos Pagu, v.1, n.28, p.19-54, 2007.

SERRÃO, L. Final do Grand Prix de Vôlei LGBT acontece neste domingo (28), em Manaus. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/craque/Grand-Prix-Volei-LGBT-Manaus-Gay-Espanha-Nigeria-Amazonas-Amazonia_0_1220277978.html>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2014.

SYMONS, C.; HEMPHILL, D. Transgendering sex and sport in the Gay Games. In: CAUDWELL, J (Org.). Sport, Sexualities and queer/theory. London: Routledge, 2006. p. 109-128.

VECCHIOLI, D. Larissa volta ao vôlei de praia para ser raro caso de homossexual assumida no esporte brasileiro. Disponível em:< http://esportes.estadao.com.br/blogs/olimpilulas/larissa-volta-ao-volei-de-praia-para-ser-raro-caso-de-homossexual-assumida-no-esporte-brasileiro/>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2014.